

A Pena Mágica*

Walter Paulo Sabella



Absorto em seu ofício, o escritor foi subitamente despertado pelo ruflar de asas provindo da janela aberta, pela qual penetravam os primeiros clarões do amanhecer.

Voltando-se, viu que pousava sobre o pequeno móvel, ao lado de sua mesa, uma enorme águia-real que, em pose majestática, passou a observá-lo.

Ao cabo de alguns minutos, indagou-lhe a portentosa ave:

- Sobre o que escreves?

- Ah! Então tu falas? – redarguiu o escritor.

- Sim! Dentre outros talentos, embora algumas coisas ditas a meu respeito não passem de lendas, enquanto outras, verdadeiras, são ignoradas pelos homens, insistindo na pergunta que houvera feito.

- Bem, escrevo sobre os homens, suas paixões, suas fraquezas, seus vícios, suas virtudes, seus sonhos, suas vitórias, suas derrotas...

A imponente águia-real, com seu olhar agudo e penetrante direcionado às expressões faciais do escritor, parecia pesar cada palavra de sua resposta.

- Escreves sobre considerável gama de temas! Escreves a verdade ou, como a maioria, buscas arrimo nos sofismas? E assim me expresso porque considero improvável que os homens, discorrendo sobre os temas que citaste, sejam decentes o bastante para o enfrentamento da verdade!

A tanto, redarguiu o escritor:

- Tens razão quanto à decência humana! Não obstante, sou dos que se entregam, sinceramente, à busca da verdade, pois considero ser indigno induzir os meus semelhantes a erro ou ilaquear-lhes a boa-fé. Mas -acrescentou o anfitrião- por que me visitas, nestes primeiros albores da aurora?

- Falas, realmente, como um escritor, recorrendo a frases algo rebuscadas em situações nas quais as pessoas se expressariam com mais simplicidade. Compreendo, contudo, que assim seja. Visito-te porque, estando esta janela sempre aberta, de meu ninho, no alto do penhasco, e possuindo visão para imensas distâncias, acompanho teu labor noturno, tuas longas horas de concentração, teu estado de fadiga evoluindo ao correr das madrugadas. A curiosidade moveu-me ao teu encontro. Vejo que te vales de uma pena de ganso para tuas criações literárias. Causando-me, como me causas, boa impressão, isto é, parecendo-me que és um espécime humano a quem se pode atribuir alguma credibilidade, ofereço-te, para o exercício de tua escrita, uma de minhas penas!

Assim dizendo, a águia-real abriu suas magníficas asas, retirou, com o bico, uma pena de sua asa direita e a estendeu ao escritor. Pegando-a, indagou-lhe o literato:

- É uma pena mágica?

- Vós, criaturas humanas -disse o altivo pássaro- buscais a explicação das coisas no misticismo. Não é mágica! No entanto, não é igual às penas das outras aves. O que se dá é que há leis naturais de que os homens pouco sabem!

- Tenta esclarecer-me – pediu-lhe o escritor.

- Como te disse ao início de nossa conversa, muito do que dizem a meu respeito pertence ao mito, constitui fruto do imaginário dos homens. Não vivo oitenta anos; minhas penas, minhas garras e meu bico não envelhecem e caem, levando-me ao isolamento no cume das montanhas até que renasçam revigorados para que eu retome uma espécie de segunda vida; nem seria cientificamente aceitável que qualquer ser vivo pudesse sobreviver por tanto tempo sem comer, à espera das condições adequadas ao voo. O processo de renovação é ínsito à minha natureza, permanente e constante. Verdadeiro é, porém, que consigo voar a altitudes próximas de seis mil metros e posso enxergar pequenas presas, como um coelho, a quilômetros de distância, não representando qualquer obstáculo para os meus voos as tempestades e os vendavais, visto que possuo recursos para tanto, além de planar em qualquer situação atmosférica e mergulhar a velocidades espantosas, como uma flecha, pelo vazio dos ares, rumo a uma presa.

- E ofertando-me uma de tuas penas, que conexões posso estabelecer entre os teus atributos e o meu ofício?

- Sabes de tantas coisas, e disto não sabes? Acaso preferirias escrever com uma pena de corvo, ou de abutre, ambos animais necrófagos?

- Creio que não, malgrado nunca tenha pensado a respeito, pois sempre escrevi com penas de ganso, como grande parte dos escritores.

- Como vês, nem mesmo te ocorreu a ideia, e respondeste negativamente, de modo intuitivo, sem pestanejar. Digo-te que faz todo sentido a tua automática repulsa às penas das aves mencionadas, pois, entregando-se elas à necrofagia, irradiam cargas fluídicas que a nossa sensibilidade rejeita, conquanto cumpram relevante papel nos terrenos da ecologia.

- O que são cargas fluídicas? – Nesse ponto da conversação, os olhos do escritor demonstravam seu profundo e real interesse na exposição da águia-real.

- Digamos – esclareceu a ave- que podem ser compreendidas como emanções não materiais, quase extrafísicas, geradas pelas ações dos seres, inclusive pelos pensamentos, sentimentos e vontades das criaturas racionais, como tu, ou mesmo pelos hábitos e comportamentos dos animais. As cargas fluídicas são realidades energéticas que impregnam os ares, permeiam os ambientes, influem na interação das criaturas, produzindo, nos que as captam, sensações de bem-estar ou mal-estar, agindo, poderosamente, sobre seus ânimos e suas interações, alcançando humanos e animais, além da possibilidade de se plasmarem em locais e objetos. Assim, afigura-se admissível dizer que, mesmo um simples órgão ou parte de um ente físico, como uma pena, ainda que retirada do corpo a que se integra, remanesça imantada de resíduos energéticos imanentes ao todo. Entendeste? – inquiriu-lhe a águia.

Recolhido ao seu silêncio, o escritor sequer piscava, quedando-se diante da águia como o discípulo se posta em face do mestre. Assentiu com um meneio de cabeça. A águia prosseguiu:

- Ditas as coisas que te disse, relembro-te que sou um animal que habita as alturas. A propósito, apenas com objetivos retóricos, pergunto-te: Quem terá horizontes de visão mais longínquos e largos, o homem que habita o sopé das montanhas ou o que se posta no cimo das

cordilheiras? Ademais, cruzo firmamentos, sobrevoou nuvens, mergulho em abismos, atravesso tormentas, alcanço velocidades espantosas. Pelos atributos com que a mãe natureza me agradeceu, os homens me adotaram como símbolo, de destemor, de vigor físico, de poder; pelo fascínio que desperto, tornei-me imagem de estandartes, exércitos, governos e países, havendo mesmo os que, crédulos ou místicos, me conectam a divindades. Tudo resumido, visto que nossa conversa já se alonga e o sol se levanta para nos conceder a glória de um novo dia, clarificou-se, afinal, a tua compreensão sobre as cargas fluídicas que alagam o cosmo no qual estamos imersos, e, sobretudo, entendeste o significado do presente que te ofertei, tendo-te escolhido para tanto, após longa e paciente observação?

- Sim! – aquiesceu o escritor.

- Antes de empreender o voo de regresso ao seu penhasco, disse-lhe a águia real:

- Por ora, nossa conversa conclui-se aqui. Acompanharei, à distância, a tua faina de escritor, bem como o uso que farás da pena que te ofertei, atenta, sempre, a tudo que produzires; se faltares com a verdade, as cargas fluídicas de tua produção literária entrarão em choque com as da pena, e esta nada mais será do que uma ínfima haste com ramificações de farpas e bárbulas, ou seja, um mero rejeito biológico, destituído de qualquer aptidão fluídica positiva. Voltarei, quando chegar o momento certo, a menos que faltes à verdade, hipótese em que jamais nos veremos novamente. Minha volta coincidirá com tua partida. Dito isto, a águia abriu suas esplendorosas asas e se alçou ao espaço.

Passaram-se os anos. Noite após noite, o escritor lançava ao papel páginas e páginas sobre os temas de sua predileção, continuamente guiado pelas palavras da águia, presentes em sua memória.

Certa madrugada, esvaindo-se as derradeiras sombras da noite, com os prenúncios da aurora, a águia real ingressou pela janela aberta, pousando sobre o mesmo móvel, ao lado da mesa.

Olhos postos no escritor imóvel em sua cadeira, disse-lhe:

- Acorda! Vamos! É hora.

- Para onde? – respondeu o escritor, tentando levantar-se.

- Lembra-te do que eu te dissera? Que se prezasses pela verdade, minha pena te serviria até o fim, e meu regresso coincidiria com tua partida? Pois aqui estou, para recepcionar-te no teu voo de retorno à liberdade.

O velho homem de letras imediatamente compreendeu. Sentiu-se em pé, leve, senhor dos próprios movimentos, livre da matéria densa, experimentando a insólita sensação de que poderia levitar e deslocar-se ao simples impulso da vontade. Contemplou o próprio corpo desfalecido na cadeira, os últimos escritos sobre a mesa, ao lado a pena da grande ave sábia.

Então, impulsionando-se pela vontade, elevou-se e transpôs a janela, atirando-se ao espaço logo atrás da águia, seguindo ambos até uma região de céu claro e azul, de onde a superfície da terra, vista de cima, parecia não ter limites.

Sofrendo o voo, pairando na amplidão do infinito, disse-lhe a águia-real:

- Aqui nos despedimos!

- Qual o teu destino? – quis saber o escritor.

- Tornarei ao meu penhasco, às minhas viagens livres pela amplidão, às minhas observações, buscando achar outra consciência humana disponível para a verdade, a quem eu possa ofertar uma pena. E assim será até o amanhecer em que me caberá, também, partir, como tu, agora.

- E quanto a mim? – prosseguiu o escritor.

- Tu és livre para novas escolhas. Incursiona por essas rotas que se abrem no infinito sem fronteiras e busca novas missões. Se te dispuseres a continuar servindo à verdade, certamente receberás, numa madrugada que chega ao fim, a visita de outra águia-real, que virá depois de mim, para te ofertar uma de suas penas.

Dizendo essas palavras, por alguns instantes, a águia-real fixou no escritor o seu olhar penetrante e, em seguida, retomou o voo, tornando-se, aos poucos, cada vez menor na distância, até desaparecer na imensidão azul.

*A PENA MÁGICA é um escrito de gênero literário híbrido, com estrutura de fábula e elementos próprios do conto. A arte de ilustração foi concebida por Marcos Vinícius Casadei e Guilherme Turati.